

# sem (essa) estética

A perda do caráter humanístico-ideológico da Arquitetura Moderna aconteceu mais cedo ou mais tarde em quase todas as regiões onde ela encontrou afinidades para se desenvolver.

No Brasil, a ausência de reflexões críticas, de discussão dentro das escolas de Arquitetura sobre esse fenômeno que estava ocorrendo, deixou um vazio cultural que pouco tinha a ver com os acontecimentos políticos das últimas décadas.

Enquanto outras modalidades de arte procuravam se fortalecer através de raízes nacionais, a Arquitetura passa a reproduzir justamente estilos internacionais. Essa contestação resultou em conclusões bastante amargas. "Percebemos que vivemos até então de meias-verdades", confessa o arq. Jon Maitrejean na entrevista à AU. Professor desde 1954 da EAUUSP, foi afastado em 69 durante o regime autoritário, retornando como professor-auxiliar e assim permanece até hoje.

— Nos últimos 20 anos, houve conflito entre a posição ideológica, política do arquiteto como cidadão e a grande produção arquitetônica dos anos do "milagre econômico"?

— Você está querendo imaginar que a Arquitetura brasileira, a paulista mais precisamente, resultou da situação política, de um segmento sectário. Não sei responder com segurança mas acho que a arquitetura produzida após o regime tem as características de uma arquitetura que seria feita no Brasil em qualquer regime. Você sabe que a Arquitetura Moderna praticamente se inicia por encomenda do governo, quando Capanema constrói o Ministério da Educação. Já em outras épocas o governo assumiu o orientação cultural estabelecendo as linhas da arquitetura clássica, eclética. Sempre houve interferência direta do Estado nos destinos da Arquitetura. É um acontecimento histórico.

Nos anos 30, a Arquitetura que vem da Europa ainda conserva uma grande visão humanística, dirigida ao homem, ao operário, dirigida especificamente para resolver o problema da habitação popular. Acreditava-se que isso seria conseguido por meio de uma nova forma, ligada à produção industrial. Uma nova estética produzindo uma arquitetura justa, humana. Essa visão bastante socializante chega ao Brasil e constitui as raízes que sustentaram a EAU — todo um processo claramente ideológico, político, voltado para os aspectos humanos. Exatamente o contrário do que sempre havia sido: arquitetura da classe dominante, da elite, da decoração, do ornamento. Tudo isso que hoje o Pós-Moderno retoma.

— E nos anos 60?

— Nos anos 60 já se inicia uma crítica significativa à Arquitetura racional, moderna, que não cumpriu seu desígnio, pondo em dúvida tanto o progresso cultural quanto o econômico. É quando Venturi publica uma das obras básicas que dá origem ao pós-moderno.

— Em termos de Brasil, o que aconteceu?

— Essa visão pós-moderna chega ao Brasil com enorme atraso, apenas no anos 80. A verdade é que ficamos sem nenhuma publicação de divulgação de Arquitetura nesse 20 anos. A cultura arquitetônica era feita em função de revistas nacionais de decoração, dirigidas à classe média e eram elas que definiam os estilos. Até

hoje os clientes vêm com recortes de Casa Cláudia e Casa e Jardim, querendo projetos naqueles moldes. É evidente que a nossa arquitetura moderna não é exatamente essa, é outro o pensamento.

— A Acrópole e a Módulo acabam no anos 60, esta reaparecendo mais tarde...

— Sim, e acaba qualquer ligação mais séria com a produção arquitetônica em São Paulo, sua difusão e mesmo sua ligação com as Escolas. Acho coincidência o fim de todas as publicações durante o regime autoritário. Mas não acho que a arquitetura que se fez tenha influência direta da política, mas sim do cliente. As avenidas futura Lima e Paulista, exemplos importantes dessa época, não foram produzidas pelo poder público, mas pela iniciativa privada. A arquitetura feita em São Paulo era muito copiada de modelos estrangeiros, perdendo bastante de suas características nacionais.

“Na Arquitetura paulista, um esvaziamento cultural”

— Não creio que esse fenômeno tenha sido intencional. Houve um esvaziamento de caráter cultural, consequência da falta de publicações mas, fundamentalmente, da falta de discussão dentro das escolas, discussão distanciada da época e do momento político.

— Por que a Arquitetura não acompanhou movimentos renovadores ou contestatórios que surgiram nas outras artes — cinema, teatro, literatura?

— A pergunta é válida. Mas o que renovar em Arquitetura? Você fala em teatro de vanguarda, de choque. Eles não têm nada a ver com o que vem após 68. E os movimentos de antes de 68 não possuem raízes, como o estudantil de Paris, por exemplo. Brecht é o homem de teatro da época mas não é exatamente o homem ligado a sério pelo movimento "libertador" estudantil que é ligado à burguesia e não ao operariado. O fracasso de "maio de 68" foi justamente a falta de relação com o movimento proletário.

— Quando falei de teatro contestatório, me referia a textos de autores nacionais: Oswald de Andrade, Guarnieri, Chico, o próprio Zé Celso, que através de simbolismos ou linguagem cifrada atingiam seus propósitos.

— Os atos culturais ou mais ou menos culturais eram agredidos pelos movimentos anticulturais. Em Roda Viva o teatro foi imidiado e os atores atacados fisicamente...



Jon Maitrejean

— Por que a arquitetura não teve esse caráter contestatório, já que ela vinha seguindo uma postura humanística e de repente se volta para a burguesia?

— Porque ela deixou de ser feita para o homem anônimo para se usar uma arquitetura destinada a alguém. Um crítico americano afirmou que nas décadas de 30 e 40, quem tinha razão era o arquiteto. Não se discutia com ele porque não havia um cliente específico. Assim, ele estabelecia suas teorias com intenção humanística. Mas, a partir da 2ª Guerra houve terríveis mudanças sociais, um exagerado consumismo e nós, como arquitetos, não percebemos o que estava acontecendo. O cliente para a ter razão como em qualquer loja. A Arquitetura perdeu o combate ideológico para se tornar arquitetura de *griffe*, destinada a uma pessoa. Não se podia fazer, em termos culturais, uma arquitetura que representasse uma agressão contra o status quo. Não é tão fácil assim.

— Por que não se pensou em uma arquitetura voltada para o povo? Os conjuntos habitacionais são desse período.

— A grande crítica que se faz justamente é que a Arquitetura saiu com intenção humanística nesses 40 anos mas não produziu nada significativo para o povo. É a crítica que os pós-modernos fazem.

— A saída foi o pós-moderno, então?

— O pós-moderno é mais uma atitude do que um fim.

— Como seria essa atitude?

— Na Europa foram feitas atualmente habitações em estilo clássico, romântico, eclético, surpreendentemente em pré-moldado. Longe acreditamos que o processo técnico corresponderia automaticamente a uma nova forma estética. Assim, algumas atitudes nas quais sempre acreditávamos são colocadas em dúvida.

— Faltou-se então uma ruptura?

— Sim. Uma tentativa de reencontrar caminhos porque talvez tenhamos vivido com meias-verdades. A forma, como sempre foi perguntada por todos nós, não é consequência direta do processo de produção. É bom lembrar que para a escola funcionalista a toda função bem resolvida corresponde uma forma bela. Esse conceito está sendo debatido agora. As principais escolas de Arquitetura, por exemplo, situam-se em prédios que não foram feitos para elas: casas, antigo fábrica, demonstrando que ao se adaptar funções diferentes pode-se obter bons resultados. É isso que deve ser discutido mas não através de uma forma realizada, que tenha atitudes próprias. É mais um estado de espírito.

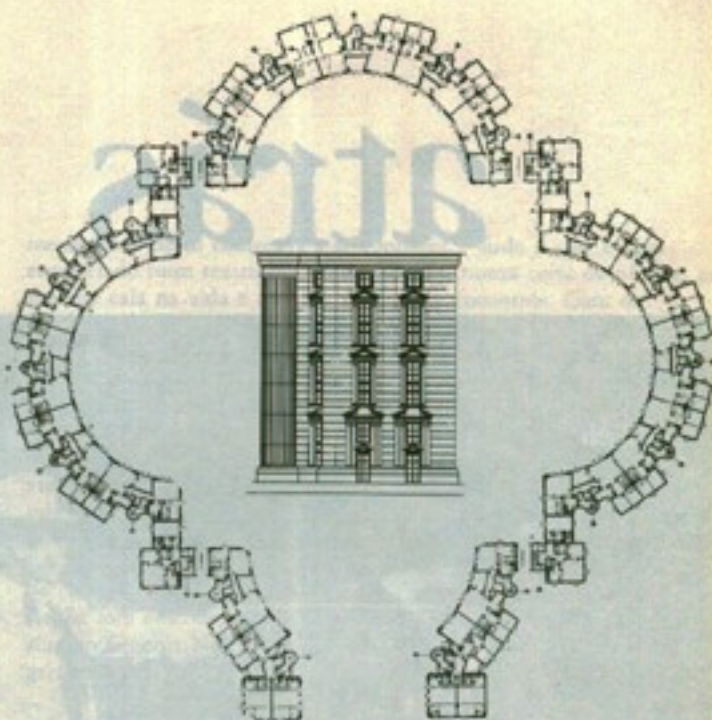
— E você tem feito projetos nesse novo estado de espírito?

— Não intencionalmente. Temos uma Arquitetura moderna muito rígida em termos criativos que quase estabeleceu regras acadêmicas. Então ocorreu certa liberação de formas não usuais, proibidas mesmo na linguagem arquitetônica moderna. Mas acho que no Brasil não existe ninguém fazendo qualquer coisa fora da escola modernista. Mantemos certas experiências, atraídas mais por suas formas do que por seus conteúdos.

### “Perdemos o hábito de discutir Arquitetura”

— Não existe nas faculdades um interesse, uma curiosidade a respeito do pós-moderno?

— As faculdades estão muito pobres em termos de discurso. Falta a polémica que a AU e a Projeto estão assumindo. Porque não vejo a juventude com qualquer nível de interesse por uma arquitetura de vanguarda, de caráter ideológico, popular ou de conteúdo social. O importante é ganhar a vida. Mas, na realidade, a crise é da Arquitetura, do pensamento arquitetônico, e não do mercado de trabalho. Nossas instituições de categoria e até a Universidade estão ultrapassadas em termos de um Brasil novo.



pré-moldado, projeto Bofill, França, 79

### BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ARQUITETURA - UFMG



pré-moldado, projeto Le Corbusier, Marselha, 47

— Já que a Arquitetura se encontra nessa indefinição, o que acontece então com o planejamento urbano?

— Sinto que o Brasil não tem instrumentos suficientes para o planejamento. Certos elementos básicos que vão desde o proprietário, os interesses da população, o aproveitamento das estruturas existentes na cidade, precisam ser repensados. O grande desenho que a cidade apresenta hoje foi feito pelas linhas de ônibus, abertas pela iniciativa privada para alcançarem a periferia, onde se situam loteamentos de custo baixo. Essa é a maneira como as cidades crescem.